



Morgadio de Santa Bárbara.

Francisco Pereira do Lago e Andreza de Araújo, Salvador (BA), Brasil, 1641.

Moradores na cidade de Salvador, o capitão Francisco Pereira do Lago e sua mulher Andreza de Araújo, instituíram, em testamento conjunto datado de 1641, um morgadio e capela em honra a Santa Bárbara, aí perpetuando o seu culto.

No recôncavo baiano, onde se supõe que o instituidor se tenha fixado desde as primeiras décadas de Seiscentos, o percurso de Francisco Pereira do Lago notabilizou-se pelo serviço das armas, destacando-se na guerra contra os Neerlandeses, onde tomou parte na resistência à invasão em 1624 e na defesa costeira, armando uma companhia de infantaria espanhola às suas expensas para defender o Forte de São Bartolomeu de Itapagipe, em 1639 (COSTA, 1946, p. 11). Foi em Salvador que, em conjunto com a sua mulher, determinou a construção do seu local de enterro numa capela contígua às casas comerciais que detinham na zona baixa da cidade, a capela de Santa Bárbara, caso estivesse acabada ou, “em falta no Mosteiro de São Francisco”, vinculando para tanto alguns bens de suas terças (instituição, em ANTT, *Gavetas*, Gav. 20, mç. 16, nº 18, fls. 1-8, fl. 2). Para a administração destes bens o casal nomeia em testamento a sua filha, Francisca, a ser sucedida pelo seu filho mais velho e de legítimo matrimónio. Na inexistência deste, passaria a administração à segunda filha, Madalena, e dela ao filho ou herdeiro mais próximo masculino, como se veio a verificar (ANTT, *Gavetas*, Gav. 20, mç. 16, nº 18, fls. 1-8, fl. 4). Tal era aplicado, porém, com a condição que nenhum administrador poderia suceder caso fosse julgado por crime de heresia, ou casado com alguém de “raça contaminada de sangue hebreu” (ANTT, *Gavetas*, Gav. 20, mç. 16, nº 18, fls. 1-8, fl. 6v). Aos seus sucessores deixavam a obrigação de anexarem as suas terças ao vínculo, em “bens de raiz com semelhante ou equivalente pensão” (ANTT, *Gavetas*, Gav. 20, mç. 16, nº 18, fls. 1-8, fl. 5v). De resto, deviam ainda zelar pela manutenção da capela e respetivos ornamentos “para que com toda a decência e respeito e acatamento se celebre e administre nesta” (ANTT, *Gavetas*, Gav. 20, mç. 16, nº 18, fls. 1-8, fl. 6).

A administração do vínculo ficaria marcada pela gestão à distância dos bens, uma vez que as primeiras administradoras, os herdeiros e suas famílias manteriam residência em Braga, no norte de Portugal. Assim, à morte do instituidor, a administração de Francisca e Damião dos Lanções de Andrade, seu marido, passava a ser executada por meio de procuradores, debilitando em grande medida qualquer atuação direta nos bens vinculados. Com efeito, durante este período, o casal denunciou às autoridades os abusos cometidos sobre as suas propriedades, referindo que, por se encontrarem ausentes, as casas lhes eram tomadas pelos oficiais das frotas que atracavam na baixa de Salvador (ANTT, *Gavetas*, Gav. 20, mç. 16, nº 18,

fls. 1-8, fl. 124-131v). Já em Portugal, Francisca e Damião instituíram um novo morgadio com capela de missas rezadas na Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Braga, além de casas no Brasil “que rendem 330.000 réis cada ano” (ANTT, *Gavetas*, Gav. 20, mç. 16, nº 18, fls. 1-8, fl. 34v) herdadas pela mãe de Francisca, e que ficavam anexadas aos bens outrora vinculados pelos seus pais.

Sem descendentes diretos, o casal apontava em testamento Teotónio Soares de Brito como futuro administrador do morgadio. Este era sobrinho direto de Damião, mas também cunhado, uma vez que era casado com Madalena Pereira do Lago, filha mais nova dos instituidores. Em 1690, ainda antes de ser nomeado administrador, morreu o único descendente do casal, vendendo-se transferida a gestão do morgadio para a sua linhagem – o mais velho de quatro irmãos, Manuel José Soares de Brito foi o 3º administrador dos bens distribuídos entre o Brasil e Portugal até à data da sua morte, embora sem descendência assegurada.

O morgadio de Santa Bárbara recaiu, por fim, no seu irmão, José Inocêncio Soares de Brito. Em 1794, este administrador surge numa petição remetida à Provedoria das Capelas e Resíduos da Baía queixando-se que na sua “capela pública com sacristia e púlpito, porta principal e travessa, com três altares onde se celebram diariamente muitas missas nas quais concorrem grande parte dos moradores da Praia que na mesma se confessam”, é invadida de fumo causado pelo reparo dos navios, assim como de excrementos lançados em frente da capela, ou mesmo cadáveres abandonados à porta do templo (ANTT, *Gavetas*, Gav. 20, mç. 16, nº 18, fls. 1-8, fl. 172v-174). Sem filhos, e por ser o último descendente varão do sangue do instituidor, à sua morte, em 1804, o vínculo é achado vago – apenas em 1871, após decisão do Supremo Tribunal de Justiça, é que o vínculo é julgado extinto e abolido, dado como devoluto ao Estado, como Próprio Nacional (MADRUGA, 1928, p. 285).

Ao longo do século XIX, em resultado do abandono a que fora votado, o edificado do morgadio sofreu alterações profundas, tendo sido vendido e convertido em armazém e mercado alimentar, embora no seu interior se conservasse a capela original, cuja devoção a Santa Bárbara era mantida pelos comerciantes e escravos, passando a designá-la de “Santa dos Mercados” (COUTO, 2004, p. 86-87). Os vários incêndios que se sucederam na baixa de Salvador, nomeadamente em prédios contíguos ao mercado, determinaram a demolição da capela em 1900, sendo as imagens e alfaias religiosas transferidas para outras igrejas.

Produto do sincretismo religioso e cultural baiano, a reverência a Santa Bárbara, mártir de matriz católico-romana foi desde cedo ressignificada pelos cultos de matriz africana, associando-a a Iansã-Oyá, orixá que evoca o poder dos raios e tempestades como forças da natureza. A festa anual em sua homenagem convoca às ruas de Salvador, e ao atual Mercado de Santa Bárbara, uma profusão de cultos religiosos com a celebração de missa católica e rituais de oferendas a Iansã, cerimónias partilhadas entre os fiéis desde o tempo do morgadio instituído por Francisco Pereira do Lago e Andreza de Araújo (COUTO, 2004, p. 95).

Joana Soares, Maria Beatriz Merêncio, Arthur de Carvalho Curvelo, Maria de Lurdes Rosa

Coordenação: Rita Sampaio da Nóvoa

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO – “Livro com documentos justificativos da genealogia dos sucessores do vínculo de Santa Bárbara, instituído na Bahia pelo Coronel Francisco Pereira do Lago e sua mulher, Andresa de Araújo”, in *Gavetas*, gav. 20, mç. 16, nº 18.

COSTA, Afonso – O Morgado de S. Bárbara e Seu Instituidor, in *História & Genealogia* [s.n], 1946.

COUTO, Edilece Souza – Tempo de Festas: Homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940). São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2004. Dissertação de Programa de Pós-Graduação em História.

MADRUGA, Manoel – *Terrenos de Marinha. Volume II*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928, p. 272-288.